

**SILVA FREIRE**

— no luscofengano da madrugada  
treme na mão de  
**Nhonhô de Manduca**  
um luzir de vela de sebo/  
pinga  
pingando de promessa . . .

**CADERNO**

**11**

**DE CULTURA**  
(POEMA)

**os  
meninos  
de  
são benedito**

— nos 233 anos de tradição do Povo

— nos 81 anos de fundação da Irmandade

grande cuiabá/1978

- raiado de sol  
que(i)madura  
pequeno **cabo-verde**  
inaugura a liberdade do **tanque do baú**  
no mergulho que rí  
púa e  
borbulha...
  
- num escondido  
do  
parquinho do **araés**  
esse merino  
proibido  
inventa de tres pedrinhas  
o encanto da solidão
  
- na conchinha da mão esquerda  
/pião de bateia/  
**baguazinho** repeneira  
no imã do dedo  
granitinhos de ouro achados  
no aluvião  
da ilusão...
  
- num baquité  
entupido de corguinho/  
**ditinho** vigia o à-ufa de lambaris  
/priscando de anzolinhos/  
pra gente esturricar nos dentes  
fresquinhos de fritos na hora
  
- atrás do paliçado  
**miró** sapeca a língua  
na raspagem do queima tacho  
supimpa de curau  
amarelinho de milho verde
  
- na cova  
do **são Joãozinho**  
tristeza de tico  
chorou  
no olho da ferida subterrânea
  
- papai noel existe/**tião?**  
- não e sim.  
- como isso?  
- nele/eu não ganho presente...
  
- mêro... mêro... mêro...
- primeiro no arranca  
último no escosto/topa!?
- feito/ mas só se for até no estuca hein!
  
- de velocidade espaço  
o menino em férias  
fáisca o tempo  
crivado  
na confissão da paisagem
  
- côncava demora  
/segredo/  
fricote que menina a  
curvelínea espera do menino

— meninos  
mastros podados nos bairros/  
sempre  
demoraçãõ de se criar  
bate-baretando que demora(da)mente

— perfil de leve raiva  
ou  
pálpebras de passarinho/  
úmidas de saliva e soluço

— na cadeira de urubamba  
um  
mudo nos olhos do birf:  
ardido rodopio... seu desmáio  
no equilíbrio da burrica...

— no cri-qui-ri  
no grin-gui-lim  
— te soco hein!

— no finca-finca  
— arrea...

— no paredão lá do zelão  
— arrea...

— na distração do esquecido  
— tabufo!

— olho empapuçado  
/dor d'olho/  
turbulência só  
na  
carapuça do intestino

— êsse menino  
tá espremido de jabuticaba...  
— passa óleo-de-ricino na saidera dele/donana.

— quem raspou de pinhéé  
essa cabeça de zólito..

— ninguém  
— escoriação da vida  
— "cabeça pelada  
caiu no melado  
ca-ra pinhééé..."

— um mirrado de menino  
dorme seu braço ao relento:  
cobre-o sonâmbula sombra de  
sono...e  
sonho...  
e ave...  
— de fome  
de uvequeda —

— no pari-gato/  
liso banco estreito  
alinha-se do quando  
que  
espreme o espaço-pessoal que  
empurra

— virge são beneditol  
assussega ai criançada  
para qu'isso  
de  
relampagueamento...

— curro  
curro

- quer de baixo  
ou  
quer de cima?
- quero o abaixo o curro...
- o de cima ou de baixo?
- o alto-a-baixo  
o abaixo o curro/viul

o debruço testando  
na parede...  
mão nas costas  
mão parada  
nem que treme/  
(grita a palmada no cuspido da dor)

- viraaal
- foi você!
- corco-veial
- você!
- irre corno burro...!
- revira e corcoveiaaaa...
- com chinelo de vira/não/pombal

- de que dorme esse menino?
- desse eterno instante de tranquila  
paz do efeito original de que fui feito

— na caixa do peito de **cripim**  
/inchada de sopitação/  
ressona nesse seu sem dono  
uma tristeza universal de companário  
quando vai morrendo o amor...

- se'u levar bomba ôtra vez  
boto fogo nessa ignorantícia de taboada...

- **jucão** deu sapo no zecáqui/tá 'uvindo?
- então por que?
- tava matano ben-te-vi a'soco/no bufante

- biboquê de marmelada bola/  
corambolando nos volteios da mão

- rede de são-caetaninho entrada de dedos  
/miudinhos de piquíras/  
espremendo esperança na praia do corguinho...

- novelo no esconde o carretel  
enchendo-se de pandorga

- bolita laurita/batedeira cascabuia  
estalando na sacolinha de algodoin  
encardida de pegação  
de aposta...

- time de botão de osso/de 4 furos  
(aquela amarração em cruz)  
e as linhinhas da ceroula de genovesa  
no atrapalho:  
(1 quipe — 2 béqui — 3 alfi — 5 linha)  
... e o falar no hábito da forma/  
se destinando às miudezas

- no areião

essa multidão devota  
enfeitando de humildade  
o hino secular dos **beneditinhos**  
— de assobio coió  
o malandrinho  
assume  
na canaleta do beijo  
seu assunto sentimental dos treze anos

**vadinho** cresceu num piscar  
foi-se...  
ficou do mundo/  
nisso  
o **despraiado** virou  
reta sem fim  
encascalhada de saudades  
/meio parente de avenida caipira

— dai **laurentino** tirou o casquete  
no peito um estufo  
nem não cuspiu  
arrotou a sentença:  
— o negócio é assim de home...  
agora/pra sê home mesmo  
o nêgo tem que relar a bunda  
no caco de vidro  
sem chorá o sangue derramado!

— **sandoval** tiçou pro **ribeirão da ponte**  
bateu na **quarta feira**  
veio varar no **quintal grande**  
saiu no **largo da biquinha**  
/condecorado/  
na funda michilin era só  
batismo de sangue de cága-sebo  
e lebre fria estirada no pelote...

— soluça **totico**... tenteia  
tenteia o zunido do vento  
qu'essa linha é 16...  
solta telegrama pro vento  
no papo do papagaio...

— bexiga de pōrco/ nem dá bicuda  
bexiga de boi/ que redondo fofol  
(infladas de assopro no talo de mamoeiro)

— bola de meia/ com recheio de capim-de-burro  
(tirada lá de bem no fundo do bauzão)  
meia mofando de roída  
puida daquelas vaidades...

— bola de seringa/murcha na sombra  
estalando no sol

— bola de boracha/ rachadinha de largada  
sujidade dos ôtros

— bola de pneu/ ensebada na costura  
gomada no tato arretado:  
nº 3 durinha na descida  
nº 5 tirindo no que arde o estalo  
da pegada/  
...mas quando, quando meu **são bendito**/  
qu'eu vo ter uma bola de pneu!?

- meninos na eternidade  
passando e ficando  
ficando e passando
- só não sabe os que vão bem indo
- não tem tú  
não vai tú mesmo/  
**afanásio**  
de ocuca no corpo!
- já tá de férias/**cerinha?**
- sim senhor/**pai**
- então acorda cedinho/prá ficar  
de não fazer mais nada...
- ...nem num adianta/**chambalé:**  
no cuspe à distancia o  
**formigão**  
tem língua de mola...
- a como que ocê tá vendendo essa  
pamonha/**bugrinho?**
- biricera seo **nacleto:**  
é duas por trezento réis
- ... daí peguei no papo dele/ fomo pro aloito...
- ora/vamo detchá de tá co'estória/**ciríaco/**  
ocê é finfim, seo!
- ah! é... então vá merda co'água pro'ce...
- no lusco-engano da madrugada  
treme na mão de  
**Nhonhô de Manduca**  
um luzir de vela de sebo/  
pinga  
pingando de promessa...
- **bié!** bié!
- quê que ocê qué **carlo augusto**
- **bié!**
- péra um pôco seo... já tô fisgano um brutello
- tenho inveja de você/**bié**
- agora **detcha** disso... o quê qu'eu te fiz!
- nada mas voce sabe pescar: come lam-  
bari frito todo dia...
- ah isso é só na lufada/ não tem ruindade  
nisso
- eu sei **bié/** mas lá em casa  
é só bife  
só bife  
bife e ovos e maionese e bife/todo dia
- agora até eu também fiquei com essa inveja  
que você falou/**carlo augusto/** que  
lambarí frito é bom é bom até  
demás/até  
(e **bié** ferrou um sauí dos graúdos/  
fazendo enfeite na cambadinha içada no  
cipó-tripa-de-galinha)
- por isso / **bié**  
quando o sono  
anoitecer teus lábios  
/hominho do mundo/  
há de cair no céu

uma presença minha  
nesse desmáio de luminosa paz...

## uma poesia de resistencia

Escrever sobre a poesia de Silva Freire é tarefa das mais fascinantes. Fascínio que se torna cada vez mais intenso à medida que nos adentramos no complexo universo poético desse artista da palavra.

A primeira abordagem, o grande impacto que se sente é o de se estar diante de uma *Nova Ótica*, parida do ventre da terra matogrossense — fruto e flor que a legitima e revela.

Pois não há dúvida que essa *Ótica*, em que pese a sua originalidade, tem a sustentá-la e instrumentá-la o caráter telúrico que se observa em toda a extensão de sua obra e que provém do conhecimento íntimo e profundo que Silva Freire possui da sua terra. Não se trata, portanto, apenas de uma aproximação intelectual da realidade mas, sobretudo, de um exercício de amor, admiração e respeito que o artista elabora enquanto desvenda a árdua vivência do homem que habita esta vastidão geográfica chamada Mato Grosso.

“— esses longes lugares  
nesses últimos distantes  
onde o cerrado se encarrapicha  
o homem  
sanguessuando  
sanguessuga o sumo da terra”  
(cerrado / raízes)

“— O homem sobre a terra  
sobre si mesmo  
homem/flora  
raízes  
flutuante coletor do extrativismo”  
(seringal / seringueiro)

O que se supunha conhecido, estabelecido e inteiramente decodificado na paisagem cotidiana da nossa circunstancialidade, reveste-se, assim, de ignoradas imagens, insurge-se de novos parâmetros, indica desconhecidas fontes de percepção e poesia.

“— é de vento  
o verde  
que inventa  
a cabeleira do canavial”  
(canavial)

E eis que se nos depara o segundo grande momento da obra: a busca da essencialidade. Que traduz tanto na artesanaria da palavra — de um rigor vocabular incomum — quanto na geométrica construção dos blocos e que por fim se configura na imagem visual que o conteúdo poético imprime. (1).

“— o oleiro é seminal  
no tema do problema  
no emblema que o destino inventa”  
(os oleiros)

— no ventre-piquete  
dessa égua prenha  
arde a paridura de relinchos  
desbravando o inteiro conhecimento  
/ seus caminhos essenciais/”  
(os cavalos)

Neste particular a obra de Silva Freire adquire um caráter eminentemente didático, implícito na utilização dos versos como módulos orgânicos, dispostos ludicamente no espaço, permitindo ao leitor desdobramentos vários de construção e leitura. A intencionalidade do jogo,

aqui, não é fortuita, mas uma virtualidade do próprio poema: incitamento à prática criadora.

(Usando deste meio, "trabalhamos" alguns de seus poemas na montagem de várias cenas do espetáculo teatral "Mato Grosso, Mato Grosso", por nós dirigido em 1976).

Por outro lado, tal didatismo não tem nada a ver com o didatismo do discurso, da "aula expositiva", da pretensão paternalista e estéril de "transmitir conhecimentos", mas, sim, àquela que remete o homem ao essencial do homem e o coloca por inteiro ante sua própria contingência. Dai a concepção dos seus temas alçar dimensões que extrapolam os limites geográficos da regionalidade para se alongar na transcendência do universal.

"— o oleiro carangueja  
seu consumo  
no sumo  
do resumo"  
(os oleiros)

— "a velha redeira tateia  
no desenho  
o engenho  
da solidão"  
— a trama que une as mãos"  
(as redes)

Na prospecção da realidade, em busca do que ela tem de secreto e essencial, é inevitável que o sentimento de isolamento e solidão imante seus poemas — características primeiras do confronto que o homem matogrossense estabelece ante a espacialidade física de sua vivência.

"....." "na floresta seringueira  
— no sono a réstea  
solidônia floreia de sol  
e solidão" a flor sozinha  
(os oleiros) se enxugando de sozinha  
(seringal / seringueiro)

Como, também, inevitável que incorpore a sensualidade natural, latejante, às vezes crua, da intimidade centro-oesteana.

"— na alcova da mata  
essas plantinhas se rosando  
resando  
se roçando "na timba  
roçadas de ninguém... o curvo uso  
sonorizadas de orgasmo" dos corpos:  
(seringal/seringueiro) atos  
fatos  
fetos  
revida"  
(as redes)

Ou, ainda, restabeleça a indagação fundamental do Sêr frente ao Absoluto e imponderável:

"No casco desse cavalo me disparo...  
— quem o ferrou de elétrica substância?  
— quem lhe deu a noção olímpica do impulso?"  
(os cavalos)

Tal perspectiva gera o compromisso consciente do artista de se posicionar clara e objetivamente contra a imobilidade das estruturas que pretendem oprimir e alijar o homem de seus direitos fundamentais. Denunciando o arbítrio, o poeta assume a função social de sua linguagem.

"— é luto no mapa facial...  
velho garimpeiro é gleba humana

no edital do loteamento"  
(garimpo da infinitude)

“— a rede socióloga  
socióloga o conflito  
do homem sem leito”  
(as redes)

“— na chuvada  
o que fica na mata  
/ colados em cada tronco/  
são arcos do tronco-tórax  
costelas  
do seringueiro morto”  
(seringal / seringueiro)

A Ótica de Silva Freire se alicerça na relação dialética que ele exerce e exercita na sua cosmovisão poética: o homem e seu habitat: — cerrado, seringal, garimpo ou canavial. Dessa praxis, como a do oleiro trabalhando o barro, define e traça a sua estética.

o olh /o / l/ eiro  
do  
modela o ritmo que prega  
no jeito da pedra

“nas plantas dos pés  
o oleiro incorpora  
a espacialidade  
e o linossigno  
/ ritmo gráfico do barro”  
(os oleiros)

Uma outra característica se observa na obra de Silva Freire: a transmutação — de ordem semântica ou contextual — presente em todos os seus poemas. A palavra se reinaugura em pura velocidade, adquire textura, volume, vira pássaro e voa. A rede se redefine em lembranças do boi que corcoveia, receptáculo da floração do algodão ou mortalha de peixe. A mensagem se robustece e se amplia — fôrma e forma — permanecendo idêntica e diversa de si mesma.

na dimensão do insólito:

“— o cavalo textil empluma seu casco  
no galope do fuso  
no arreio das redes  
na redescoberta do pasto”  
(as redes)

na instância do futuro que denuncia o saldo e o sonho do presente:

“— o garimpeiro grimpa  
a escadaria do palácio  
no colar da majestade...  
o que brilha  
é o gasto ensolarado da enxada”  
(garimpo da infinitude)

Cumpre-nos ainda ressaltar duas particularidades interessantes no conjunto de obras do poeta. A primeira é a inclusão de pessoas que privam ou privaram da sua intimidade, personagens familiares que dão nome e corpo a personagens outros — anônimos — que compõem o contingente humano que seus escritos abrange.

“— nos braços murchos de Nhanhá  
a rede se enrola  
como bagos de algodão no descaroçador”  
(as redes)

“Murillo  
meu filho  
/ um é a Murilo Mendes  
o outro é dele mesmo  
natural do cerrado culabano  
profissão: pré-primário  
estado civil: descalço

vivência de cinco anos

.....”  
(cerrado / raízes)

“no lusco-engano da madrugada  
treme na mão de  
Nhonhô de Manduca  
um luzir de vela-de-sebo/  
pinga  
pingando promessas”  
(os meninos)

promessas”

A segunda é a reconstrução sistemática do verso de um poema dentro de um outro poema — é de continuidade e desdobramento (o fio de Ariadne?) que percorre os intrincados labirintos de sua criação.

Se tudo o que até aqui dissemos não for suficiente para posicionar a obra poética de Silva Freire como uma autêntica arma de resistência cultural à toda sorte de violação que pretende sonegar ao homem brasileiro o reconhecimento de sua própria identidade e, por extensão, torná-lo objeto de uma caminho imposto e não agente detentor do seu destino, resta-nos sugerir ao leitor que se detenha, por último, no aspecto nem sempre perceptível à primeira vista, mas de importância fundamental à compreensão do autor: sua apropriação do círculo como expressão de criação permanente e fortaleza do homem.

“— na rota da atividade  
na roda da idade  
na rede, da vida  
o oleito tati  
é rotatividade do barro”  
(os oleiros)

“na cadeira de urubamba  
um  
mudo nos olhos de birí:  
que ardido rodopio...  
seu desmaio no equilíbrio da  
burrica”  
(os meninos)

“— o seringueiro se aquece  
do frio do esquecimento  
— no curvo éco do abraço  
enrodilhado no oco de fazer filho  
(seringal / seringueiro)

“ o carvoeiro  
recicla seu segredo  
no mistério que circula  
a requelma do parceiro”  
“o carvoeiro”

No círculo, o semem, o abrigo, o nascimento, a vida dando pique — forma primeva. Círculo: receptáculo último dos infinitos poligonais. Círculo das tabas, do batororo, dos rituais africanos, do cururú e sirirí. Círculo: Ancestralidade e Reconhecimento.

Não é à-toa que chamaram Bugrinho ao menino Silva Freire, senha de luta e resistência do homem hoje: poeta maior de sua terra e sua gente

“...  
— onde o limite que regulamenta  
a liberdade da beleza?”  
(os cavalos)”

MARIA DA GLÓRIA ALBUES